



“Pixação: a arte por cima do muro.” A estética e a ética da Pichação Paulistana.

“Pixação: the art over the wall.” The Aesthetics and Ethics of Graffiti in São Paulo

“Pixação: Die Kunst and Der Mauer.” Die Ethik und Die Ästhetik des Graffitis in São Paulo

Luis Felipe Sanches, mestrando em Ensino de História pelo Programa ProfHistória, UNESPAR, campus Campo Mourão, Linha de Pesquisa Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memórias, membro do Grupo de Pesquisa Cultura e Sensibilidades.

Michel Kobeliski, Pós-doutor em História (UFPR), Docente do ProfHistória, UNESPAR, campus Campo Mourão, Linha de Pesquisa Saberes históricos em Diferentes Espaços de Memórias, Líder do Grupo de Pesquisa Cultura e Sensibilidades.

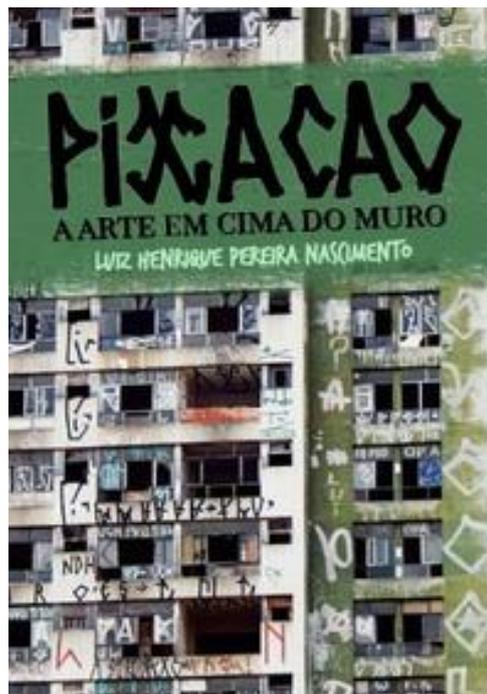
NASCIMENTO, Luiz Henrique Pereira do. *Pixação, a arte por cima do muro*. Cachoeira do Sul: Monstro dos Mares, 2015.

A pichação é uma forma de escrita presente em grande parte dos muros e prédios dos centros urbanos brasileiros, um fenômeno que incomoda muitas pessoas, inclusive as autoridades públicas, por se apresentar como uma expressão de estética marginal, ilegível para a maioria. (Luiz Karioka, 2015)

Publicado pela editora Monstro dos Mares, o livro *Pixação: a arte por cima do muro* (2015), do filósofo, ativista social, professor e artista Luiz Henrique Pereira do Nascimento (Luiz Karioka), demonstra pelo viés filosófico-anarquista a importância do debate acerca da pichação em São Paulo. A obra teve financiamento coletivo (crowdfunding) através do site catarse.me, conseguindo arrecadar em torno de três mil e setecentos reais, o que foi suficiente para cobrir os custos de produção e de editoração de um livro ricamente ilustrado e com estilo inovador. Trata-se do resultado de um trabalho de graduação no Curso de Filosofia da Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, campus de Campinas, apresentado em 2012.

A obra em discussão chamou a atenção por se relacionar à aprendizagem histórica nos espaços de memória, bem como à reflexão sobre as representações e usos do passado no espaço urbano. Em nosso ponto de vista é necessário compreender o que é a cidade e enfatizar o olhar antropológico em termos científico, popular e coletivo. Ela é o locus de reflexão da diversidade cultural e de problemas complexos, ambiente de encontros e aprendizagens. Logo, a reflexão sobre a manifestação dos cidadãos através da arte e a partir das margens e de suas precariedades temporais e espaciais é sempre bem-vinda.

Nascimento enfatiza a pichação como uma manifestação humana entrelaçada por elementos culturais, sociais, políticos e artísticos. Portanto, ela não é isenta de manipulações. A tese central é a de que a pichação não é um ato de vandalismo, mas uma manifestação da Arte Contemporânea. Ela se enquadra como arte contestatória, que através da representação dos artistas, brada contra o que chama de “falácia da democracia”. A arte da pichação é uma forma de retaliação à violência do poder público. Neste sentido, a obra provoca e convida ao debate filosófico sobre a pichação, que é considerada “Arte Marginal”.



Luiz KariokA leva o leitor a se interpelar: A pichação é vandalismo ou é uma arte? Para responder a esta questão, os argumentos se fundamentam na Teoria Estética do filósofo, sociólogo e compositor alemão Theodor W. Adorno (1903-1969). Em termos conceituais o Pixo é caracterizado como um movimento artístico extremamente profundo e requintado. E, por este motivo, a expressão artística e o espectador dialogam intensamente, pois a arte não é apenas objeto de contemplação. Sua exibição pública tem outras implicações pedagógicas na medida em que serve tanto como forma de intermediação social quanto atitude e engajamento político.

O tema revolve o problema das relações entre o artista, a representação artística, os conceitos sobre arte, os espaços de exibição e o público. Deste modo, é nítida a preocupação

do autor com os conceitos de arte e estética (O Mundo das Artes, capítulo dois), refletidos sob a luz das ideias de Roger L. Taylor (Arte Inimiga do Povo, 1978), e de Richard Wollheim (A arte e seus objetos, 1994). Taylor parte da análise sociológica e do pressuposto de que a arte é um produto cultural, isto é, uma invenção burguesa do Século XVIII que estabeleceu um consenso do que ela seria. Disto resulta a ideia de sua função imediata, emancipatória, essencial e universal. Ao contrário, a obra de arte é vista por Nascimento como manifestação restrita e, simultaneamente, dependente das esferas sociais. Assim, valoriza-se o instrumental filosófico (baseado em Ludwig Josef Johann Wittgenstein - 1889/1951), na medida em que este conduziria ao conhecimento da representação da farsa da arte moderna e promoveria a libertação dos sujeitos pela sua correta interpretação.

A coerência em sua apreciação, a reflexão, o enquadramento social e a ressignificação são elementos significativos da análise da obra de arte. Estes pressupostos partem da concepção sobre o que é arte e sobre o que é o belo de Richard Arthur Wollheim (1923-2003). Como síntese deste pensamento a arte é considerada dentro do contexto social, como fenômeno histórico a ser interpretado constantemente.

Aliás, Nascimento recomenda ao leitor que mergulhe no mundo dos artistas, na linguagem tag reto e na arte da pichação. Isto porque ela possui uma gramática e uma linguagem próprias que precisam ser decifradas, sendo que a aproximação não deve ser violenta, mas afetuosa. Esse transbordamento sígnico impregnou a cidade de São Paulo, desde os anos 1980, momento em que bandas de rock pichavam seus nomes em muros e fachadas de prédios, inspirados em letras de músicas ornamentadas por caracteres rúnicos.

Nada mais natural que seguir os pressupostos taylorista-wollheimniano da necessidade de se inserir na realidade do autor para compreender a obra de arte e analisar este fenômeno artístico-histórico, bem como as leis que a regulamentaram na contemporaneidade brasileira. É o que ocorre no capítulo A Ética Privatizada na Sociedade Contemporânea. Ali, Luiz Henrique demonstra que a pichação torna-se obtusa diante do sistema capitalista. A confusão é generalizada, pois confunde-se ética pública com moral particular. O respaldo filosófico veio de Suze Piza, que enxerga na sociedade contemporânea os resquícios da organização social burguesa que se encaminhou para o capitalismo, para a propriedade privada e,

consequentemente distanciou-se de outras classes sociais pela exclusão e pela violência. Isto implica a impossibilidade da liberdade e da ética dos sujeitos:

[...] podemos considerar que vivemos numa sociedade desigual, e que, para existir liberdade, ou seja, indivíduos realmente livres, seria preciso existir primeiro, igualdade social, de condições de vida humana. Como o ideal de livre mercado capitalista valoriza acima de tudo o acúmulo de propriedade privada e a concorrência, pode-se dizer que, de acordo com a moral burguesa vigente, vivemos em uma sociedade de homens livres; porém, uns são mais livres que outros, dependendo de suas posses, como se a liberdade fosse transformada em um produto (NASCIMENTO, 2012, p. 16).

Em relação ao vandalismo prevalece a inspiração anarquista. Nesse caso inexistem violência e ética, pois a propriedade privada é a expressão máxima da agressão social e o sentido da arte expõe a fratura ética da burguesia. Daí o argumento de uma confrontação expressa por atos infracionais que se consideram acima das sanções legais (crime ambiental, lei nº 9.605/98, Art. 65). Assim, justifica-se a expressão artística que foge à ordem de limpeza pública e à criminalização porque quer um tipo de liberdade.

E se Nascimento defende com veemência tal comportamento político, como compreender a arte transgressora, já que ela mesma torna-se objeto da própria marginalização? A arte da pichação é simplesmente perseguida porque se opõe ao capitalismo e à mercantilização da arte? Seria coerente considerarmos que este tipo de arte refere-se às manifestações exclusivas das classes subalternas?

De qualquer maneira, é vital estabelecer diálogos entre artistas e pensadores, a fim de reverter a ideia de transgressão, vandalismo e depredação pela pichação. Por outro lado, o uso da expressão visual tag reto em artigos esportivos, banners ou mesmo outdoors, subverte a própria subversão porque a torna mercadoria. Acrescente-se ainda que a discussão sobre a utilização da grafia e da estética do Movimento Pixo de São Paulo (MPSP) abre uma discussão sobre a apropriação da arte. Quando a arte visa a angariar lucros ela deixa de ser subversiva. Aliás, é intrigante o fato de não se abrir um espaço para discutir sobre este último termo. Subversão é o ato de subverter ou subverter-se, a ação de se rebelar contra a lei e contra as autoridades. Ação esta que visa à destruição e à transformação da ordem política, social e econômica. Em suma, segundo o autor, trata-se de um ato político e, por conseguinte,

revolucionário. Porém, nem todo ato político é revolucionário. Na acepção política, refere-se à desqualificação pelo adversário, que por sua vez ameaça ou questiona a ordem constituída.

No capítulo *Ganhando a Senha do Movimento Pixo*, retoma-se a teoria estética de Adorno de que a arte contemporânea deve buscar imitar a natureza, deve evadir-se da sociedade a fim de romper com as tradições, obrigando o espectador a imergir no universo do artista. Para que isso ocorra, o espectador deve romper com as amarras do capitalismo e da mercantilização da arte, evitando assim, sua alienação. Portanto, a arte da pichação é, em termos políticos, uma expressão artística violenta, que imita a própria ética da violência sofrida. Em todo caso é possível perceber que a expressão estética e ética lida com os sentimentos de afeto e liberdade; termos estes não aprofundados pelo autor, mas que são fundamentais à compreensão que se manifesta através deste tipo de arte. Note-se que o afeto e a liberdade estão presentes nas condutas éticas dos pichadores. Exemplo disto é a harmonia entre o grafite e a pichação, expressas na gíria *pegar a senha*, que significa ler o suporte onde se vai pichar e planejar eventual rota de fuga; por outro lado, *atropelo* significa atitude ética de não pichar sobre outra manifestação, ou ainda o *jeguerê*, ato voluntário de auxílio mútuo e técnica de escalada a fim de pintar paredes altas. Para Nascimento (2012, p. 26) a percepção da sensibilidade artística é possível quando absorvemos os projetos artísticos, quando desvendamos seus sentidos. Neste caso, poderíamos vivenciar uma “experiência estética libertadora e prazerosa”. Por mais que este tipo de arte seja desvalorizada, os pichadores buscam visibilidade e identidade; o que, de certa forma, reproduz relações sociais de poder.

Nas Considerações Finais constata-se que arte e a moral conflitam entre si. Este mesmo conflito perpassa a aprendizagem nos Espaços de Memória através dos modos de enquadrar ou desprestigiar expressões artísticas. Os questionamentos são ambíguos quando consideram as exposições sobre as pichações: “[...] como ficaria o papel das instituições que trabalham com as artes?”; seriam “[...] acusadas de apologia ao crime?”, ou ainda, se não incluíssem “[...] a pichação em seus catálogos, poderiam ser acusadas de estar favorecendo e desprestigiando diferentes formas de arte?” (NASCIMENTO, 2012, p. 32)

Os problemas filosóficos levantados por Nascimento envolvem a arte e sua criminalização. Em sua perspectiva, ambos deveriam ser vistos pontualmente a fim de resolvê-los. Em primeiro lugar, a pichação não é considerada como ato de vandalismo, tampouco como

crime ambiental. Neste caso, em São Paulo, a solução sempre foi a repressão ou ações socioeducativas. Portanto, a proposição do autor é a separação dos elementos estéticos e éticos, a fim de que possamos compreender melhor o Movimento Pixo. O argumento central é o de que a pichação é uma prática disseminada entre comunidades marginalizadas ao longo da história. Em segundo lugar, destaca-se a necessidade de ampliar o horizonte da compreensão da pichação como movimento artístico, uma vez que abre novas possibilidades estéticas e éticas na existência dos sujeitos. Nascimento, ao apropriar e adaptar a tese de Adorno às suas perspectivas filosóficas, sugere abordagem afetuosa e pacífica ao Movimento do Pixo, através da qual, os indivíduos substituiriam as “leis da sociedade” pelas “leis propostas pelo projeto artístico do Movimento Pixo”. A ênfase da narrativa procura enfatizar a originalidade, a autonomia e a estética da pichação.

Na obra impressa, no final de cada capítulo há espaço para a voz e a visualidade de intervenções artísticas no meio urbano paulistano. Os relatos de artistas de rua destacam os “rolês” inesquecíveis, situações inusitadas e experiências de confrontos com a polícia. Além disso, some-se a entrevista com Guto LAK'DOS, renomado pichador de São Paulo, o qual reitera o debate entre arte e moralidade. Neste direcionamento, trata-se de arte contemporânea que nega qualquer tipo de imposição social sobre ela, uma arte original e autônoma, um terrorismo poético que incomoda, que se contenta em ser marginalizada nesse mundo mercadológico e estético em que vivemos.

Pixação: a arte por cima do muro é uma contribuição significativa, tanto do movimento artístico (PIXO), quanto da manifestação social, que em geral, são oriundas das margens das cidades brasileiras. As abordagens deste tema no Ensino da História podem-se realizar sem problemas no que diz respeito à valorização desta expressão artística, bem como de suas implicações éticas e estéticas. Em relação à Educação Patrimonial não podemos simplesmente incitar crianças ou adolescentes a suplantarem as normas vigentes. Neste caso, a ação interdisciplinar (História e Educação artística) pode ter bons resultados. Especialmente quando este tipo de arte organizada em espaços específicos, destinados a este tipo de experiência sensível, pode ser compreendida e valorizada.

Referências

PIZA, S. Da (im)possibilidade da ética, da política e da liberdade na modernidade. In: PANSARELLI, D. *Curso (in)completo de Filosofia*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010, p. 101-110.

LASSALA, G. *Pichação não é pixação: uma introdução à análise de expressões gráficas urbanas*. São Paulo: Altamira, 2010.

NASCIMENTO, L. H. P. do. *Pixação, a arte por cima do muro*. Cachoeira do Sul: Monstro dos Mares, 2015.

_____. *Pixação, a arte por cima do muro*. Trabalho de Conclusão do Curso de Filosofia, Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo, campus de Campinas. Campinas: Universidade Metodista de São Paulo, 2012.